

BETAR & ARTES LETRAS

Arquiteturas Film Festival

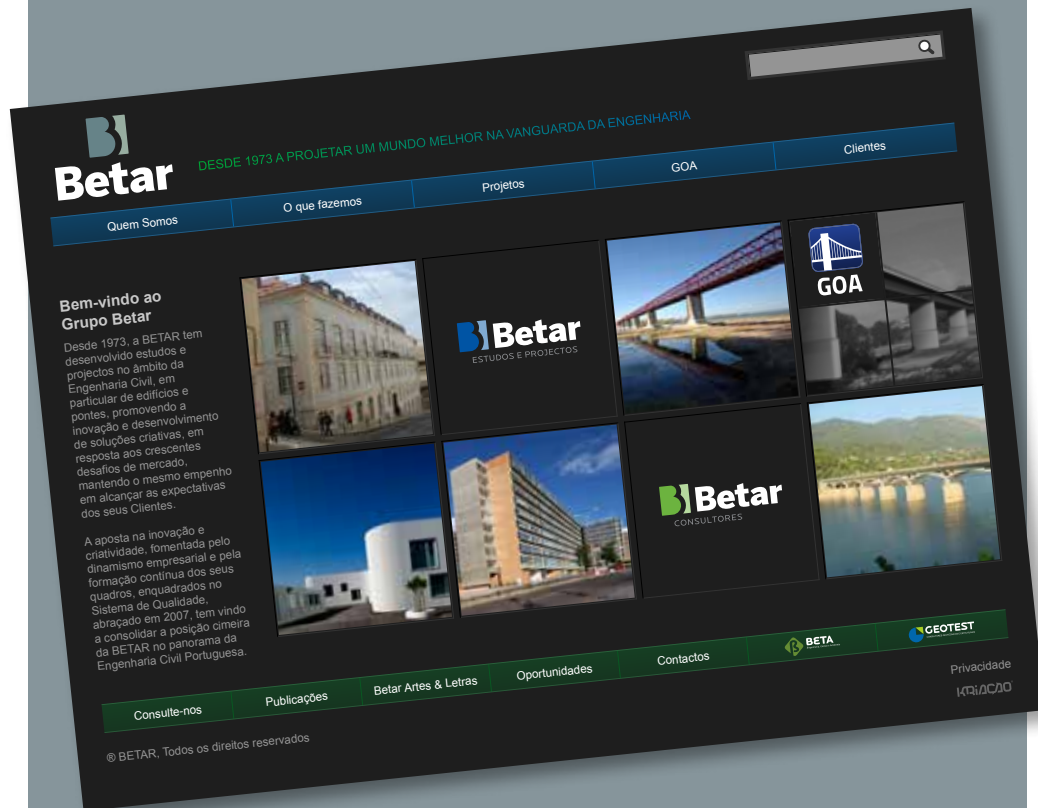
O cruzamento entre cinema e arquitetura

B
Betar

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

ENTREVISTA
ARO. PAULO
CUNHA

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Setembro marca o início de uma nova temporada cultural. A Artes&Letras propõe um concerto de piano onde se toca Amália; uma encenação musical onde se contam histórias; o já incontornável festival de fado Caixa Alfama; e o regresso de Diana Krall a Portugal para mais um momento único de jazz.

No campo do cinema, a contínua realização do Arquiteturas Film Festival é a prova que a ligação entre o cinema e arquitetura é alvo de interesse. Este mês, chega a Lisboa a 3ª edição desta mostra internacional de filmes documentais, experimentais e de ficção sobre arquitetura.

Aos palcos dos teatros Meridional e Maria Matos chegam o universo de António Lobo Antunes, numa peça onde é Maria Rueff quem encarna as personagens; e uma obra de Oscar Wilde, que serve de inspiração a Joaquim Horta.

No que respeita a exposições, visitar a obra de António Charrua ou procurar ligações nas obras de quatro gerações de uma família são as sugestões da Gulbenkian e do Centro de Arte Manuel de Brito para este mês.

No Porto, os convites são para assistir a uma tragicomédia chinesa; dançar num imenso salão de baile, na Avenida dos Aliados; ou apreciar uma exposição sobre a sociedade portuense do final do século XIX.

E porque ainda temos muitos arquitetos na nossa lista de colaborações, esta edição conta com mais uma entrevista. Desta vez agradecemos ao arquiteto Paulo Cunha do atelier Arquiteturas Ilimitadas.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘Os gabinetes que conseguiram reestruturar-se poderão sair mais sólidos desta conjuntura. Os demais debatem-se em cima de um muro cada vez mais estreito.’

O arq. **Paulo Cunha**, do Arquitecturas Ilimitadas.
Por Cátia Teixeira



Edifício Formação CENFIC



Portaria NovaDelta

O que é que o fez ser arquiteto e como descreveria a sua ligação com os clientes e com os projetos?

O interesse pela Arquitetura veio sobretudo por via do desenho e do meu deslumbramento, desde jovem, pelo ato de “construir”. Encontrei na Arquitetura a possibilidade de passar do ato criativo e abstrato do desenho para a sua realização material, o que era fascinante e se conjugava na perfeição com as minhas motivações. Contudo, ao longo da minha atividade, acabei por me aperceber que a dimensão mais estimulante da Arquitetura é sem dúvida a sua fruição, o seu uso e o seu potencial para intervir e modificar a vida das pessoas, das instituições ou das comunidades. O projeto exige um sempre um conjunto de escolhas e muitas decisões. Não se esgota num conceito inovador ou numa imagem virtuosa. A noção de aperfeiçoamento sucessivo é algo que procuramos transmitir aos clientes e esse percurso é indispensável para a adequação do resultado final às suas expectativas. As aplicações informáticas que rapidamente permitem ter soluções quase finais, realisticamente ilustradas, subverteram o processo

de reflexão e decisão que um projeto requiere. As ferramentas evoluíram muito, mas o nosso “processador” continua a ser o mesmo. Sou da geração “pré-CAD” em que os desenhos permaneciam nos estiradores vários dias e a todo o momento eram vistoriados, corrigidos e aperfeiçoados. Não devemos descurar esta função corretiva do projeto.

Iniciaram a atividade do atelier em 1998. Fale-nos um pouco do percurso e características do AI.

O atelier formou-se como evolução natural de uma relação de trabalho sólida e continuada que já mantinha com os arquitetos Francisco Freire e João Pernão que, aliás, também foram meus colegas de curso e que entretanto já não integram o atelier. Com alguns projetos em andamento juntámos recursos e apostámos numa estrutura mais sólida, que nos permitisse responder melhor às encomendas. Havia uma forte relação de trabalho com um grande grupo do sector agro-alimentar e acabámos por ficar sempre mais ligados à encomenda privada do que à pública. Fomos crescendo e consolidando a nossa prestação, concreti-

zámos alguns projetos interessantes e vimos várias obras construídas, como o prédio da Trav. Conceição em Lisboa, o centro de formação do CENFIC em Loures e a requalificação da Praça da República em Elvas, que têm servido como referência da nossa atividade. Somos um pequeno atelier. Qualquer projeto é amplamente discutido e todos os colaboradores, de uma ou outra forma, participam no seu desenvolvimento. A estrutura inicial do atelier favoreceu alguma diversidade estética mas isso nunca nos impediu de encontrar uma linguagem coerente para os nossos trabalhos. Na abordagem ao projeto fomos mais convergentes e sempre estabelecemos uma grande proximidade e cumplicidade com os clientes. É lugar comum mas também é verdade: os bons projetos só se concretizam com bons clientes e as boas obras com bons empreiteiros, e estas não são condições fáceis de atingir.

O AI desenvolveu um projeto designado “Dividir para Valorizar”. Em que é que consiste e quais os resultados?

O projeto parte de uma constatação comum a



muitas localidades à volta de Lisboa. Os núcleos de moradias construídos durante o séc. XX, por famílias que precisavam de casas grandes ou buscavam uma residência de lazer, estão hoje sob grande pressão urbanística e especulação imobiliária. O envelhecimento das populações originais e a transformação dos agregados familiares veio evidenciar o desajustamento das tipologias das moradias existentes. As alterações nos parâmetros urbanísticos vigentes e algumas polémicas operações imobiliárias, têm levado à substituição das moradias originais e introduzido transformações profundas nestes conjuntos, reduzindo o seu potencial paisagístico, indispensável como contraponto às urbanizações vizinhas de grande densidade de construção. Propomos, para cada caso, a transformação das moradias existentes em habitações bifamiliares ou plurifamiliares, mantendo sempre a estrutura original do edifício e da propriedade. A divulgação local do projeto que fizemos teve boa receptividade e recebemos algumas consultas, no entanto ainda não concretizámos nenhum desses projetos.

Uma das vertentes do AI é a reabilitação. Considera que tem sido feito um bom trabalho a este nível?

A reabilitação urbana teve nos últimos anos um forte impulso, bem visível em cidades como Lisboa. Para trás ficaram muitas iniciativas que ajudaram a beneficiar e preservar edifícios mas que não lograram renovar os centros das cidades. A realidade parece agora bem diferente, com dinâmicas que enquadram e valorizam as intervenções isoladas. Os bons exemplos de reabilitação quer privados, quer públicos, são frequentes e influenciam positivamente outros promotores e intervenções. O turismo e os pólos socioculturais da cidade vieram beneficiar a viabilidade

económica dos empreendimentos e ajudar a reanimar áreas degradadas e em recessão populacional. As empresas adaptaram-se e há agora melhores produtos e soluções técnicas para a reabilitação. Os arquitetos e os projetistas, em geral, especializaram o seu conhecimento e têm soluções mais adequadas para apresentar. Com a ajuda de autarquias e administração central este movimento terá, seguramente, resultados positivos para as comunidades urbanas, porém, é indispensável que os cidadãos e instituições sejam envolvidos em todo o processo.

Como vê o contexto atual da arquitetura em Portugal?

Há poucos anos, num júri de aptidão profissional de técnicos de desenho, um candidato, colaborador num gabinete de uma pequena cidade do interior, referiu-me que tinha projetado cerca de 150 moradias e pequenos comércios em apenas um ano! Esta é uma questão que permanece atual. O projeto feito por arquitetos continua a ser, nalguns contextos locais ou socioculturais, uma situação de exceção. Hoje, crescem as dificuldades do setor imobiliário e as restrições ao investimento público e privado que expuseram a frágil realidade de muitos gabinetes, sem margem e forçados a dispensar os seus colaboradores ou até a fechar. Ainda estamos a sentir essa vaga e não é fácil perspetivar o que virá a seguir. Os gabinetes que mantiveram a atividade, que captaram trabalho no exterior, que se concentraram em áreas em crescimento e que conseguiram reestruturar-se, em função dos condicionamentos atuais, poderão sair mais sólidos desta conjuntura. Os demais debatem-se com menos e piores encomendas e honorários indignos e vão tentando equilibrar-se em cima de um muro cada vez mais estreito.

A BETAR integra um programa de urbanização, em São Paulo. 209 favelas estão a ser munidas de novas moradias com água, tratamento de esgotos, iluminação e espaços públicos



O Programa RENOVA SP para a Urbanização de Favelas no município de São Paulo, no Brasil, tem como objetivo transformar favelas e loteamentos irregulares em bairros, garantindo aos seus moradores o acesso à cidade formal pela Regularização Urbanística e Fundiária. O projeto, que prevê a implantação de infra-estrutura urbana, drenagem, construção de espaços públicos e novas unidades habitacionais, tem por objetivo criar estruturas básicas nos assentamentos precários existentes na cidade brasileira. A BETAR é responsável pela elaboração dos projetos de abastecimento de água, de esgoto sanitário, de microdrenagem (rede pluvial) e macrodrenagem (regularização do córrego Bananal). Os projetos básicos foram elaborados para 10 assentamentos dentro do Plano de Ação Integrada do Cabuçu de Baixo 5. A BETAR foi responsável pela elaboração do Estudo de Macrodrenagem da sub-bacia do Córrego Bananal (13,6 Km²), caracterizando a bacia e propondo soluções de intervenção. Mais do que projetos habitacionais, estas são propostas integradas de habitação e urbanização.

Projeto de Urbanização de Favelas - RENOVA SP, São Paulo, Brasil

Projeto: 2012/15

Obra: em curso

Dono de Obra: **Secretaria Municipal de Habitação (SEHAB)**

Arquitetura: **Saraiva e Associados (S+A)**

Especialidades: Águas e Esgotos; **Drenagem Urbana**

CINEMA

A realização deste festival é a prova que a interseção entre o cinema e arquitetura é alvo global de interesse e investigação. Esta edição proporciona uma incursão ao futuro



Arquiteturas Film Festival Lisboa 2015

De 23 de Setembro a 4 de Outubro

Cinema City Alvalade, Cinemateca Portuguesa e Fórum Lisboa

A 3ª edição desta mostra internacional de filmes documentais, experimentais e de ficção sobre arquitetura, conta com mais de 50 filmes em estreia nacional, 4 filmes em estreia europeia e 6 filmes em estreia mundial. É com um olhar sobre o futuro que o realizador Edgar Pêra surge este ano como personalidade central. Um dos mais prolíficos cineastas portugueses, Edgar Pêra realizou diversos filmes sobre arquitetura que nos surpreendem pela visão singular, inesperada e geradora de novas e renovadas interpretações. A festa de abertura do festival é no dia 23 de Setembro, no Jardim das

Oliveiras, no Centro Cultural de Belém, com a projeção do filme “Arquitetura de Peso” (2007), do realizador português. No dia 30, no Fórum Lisboa, é projetado o filme “99 Dom-ino” (2014), do coletivo Space Caviar, concebido para integrar a 14ª edição da Bienal de Arquitetura de Veneza. O centésimo aniversário do projeto Maison Dom-ino de Le Corbusier serve neste filme como pretexto para um inquérito à domesticidade italiana e a sua relação com a paisagem nos últimos 100 anos. À semelhança dos anos anteriores, os filmes premiados do festival serão depois recebidos por instituições, festivais e faculdades em Portugal e um pouco por todo o mundo.

TEATRO

Este mês, o universo de António Lobo Antunes dá o mote e Maria Rueff encarna as personagens numa peça original. Noutra, uma obra de Oscar Wilde serve de inspiração a Joaquim Horta



António e Maria

Esta peça é uma procura, uma surpresa, um monólogo múltiplo. Mulheres e homens de diferentes extratos sociais, frágeis, fortes, ambíguas, personagens colhidas no grande universo literário de António Lobo Antunes. Nesta 50.ª produção, o Teatro Meridional prossegue o objetivo de criação de novas dramaturgias baseadas em adaptações de textos não teatrais, colocando uma vez mais o ator no centro da cena, aproveitando uma lição simples do escritor para a vida toda: “espreita para dentro de uma bota, porque às vezes há lá coisas”. Maria Rueff, atriz com uma inequívoca versatilidade e capacidade de concretizar, através da construção de personagens, a ampla diversidade humana, será o corpo desta peça, bem como a sensibilidade e a voz que interpelará, na cena, o mundo.

Teatro Meridional

De 9 a 27 de Setembro

Encenação: Miguel Seabra

Interpretação: Maria Rueff

Uma mulher sem importância

A obra de Oscar Wilde, de 1892, “Uma mulher sem importância” - a segunda comédia de sociedade que escreveu - revela uma crítica cortante e divertida à alta sociedade londrina de finais do século XIX. Um conjunto de personagens dão vida a um argumento aparentemente trivial, que se desenrola num ambiente frívolo, mas que se revela profundamente lúcido e mordaz. Nesta peça, encontramos os melhores paradoxos, tão característicos da linguagem wildiana, expressos com humor, tensão e dramatismo. Foi com personagens femininas que Wilde agitou a tradição vigente e subverteu os papéis sociais da época. Joaquim Horta encontrou na peça a possibilidade de voltar a questionar as representações tradicionais do género feminino, reconhecendo no texto uma atualidade pertinente.

Teatro Maria Matos

De 10 a 19 de Setembro

Encenação: Joaquim Horta

Interpretação: Cláudia Gaiolas, Joana Bárcia, José Mata, Lia Gama, Maria João Abreu, Miguel Damião, Miguel Costa, Paula Diogo, Raul Oliveira, Rita Durão e Ruben Tiago



Setembro marca o início de uma nova temporada cultural. A A&L propõe uma encenação musical, um festival de fado e dois concertos de jazz e piano. Para agradar a todos



Amália por Júlio Resende

Dia 4 de Setembro no Centro Cultural Olga Cadaval

CONCERTO

Júlio Resende, um dos mais prestigiados pianistas portugueses, lançou o seu primeiro projeto a solo, e já recebeu a cotação de 5 estrelas da prestigiada revista francesa *Classica*, que classifica os melhores músicos e instrumentistas do mundo. Neste trabalho, Resende recria, ao piano, algumas canções do repertório de Amália Rodrigues, num disco onde a tradição e a modernidade convivem em harmonia.



Baile

De 9 a 20 de Setembro no São Luiz Teatro Municipal

PERFORMANCE

Este é um exercício de cumplicidade entre cinco mulheres-intérpretes e uma banda, que se encontram em cena. Uma sucessão de números musicais e quadros visuais que contam histórias em jeito de canções. Com coreografia de Victor Hugo Pontes e direção musical de Paulo Furtado, esta é uma criação de Carla Maciel e Sara Carinhas, que sobem ao palco ao lado de Ana Brandão, Carla Galvão e Manuela Azevedo.



Caixa Alfama

Dias 18 e 19 de Setembro no Bairro de Alfama

FESTIVAL

Desde o primeiro ano que este festival tem sabido homenagear e promover o Fado, convidando os artistas mais reconhecidos mas também os mais promissores. Depois de duas edições esgotadas na capital e outra no Porto, o Caixa Alfama está de volta com nomes como: Ana Moura, António Cháinho, Artur Batalha, Cuca Roseta, Gonçalo Salgueiro, Joana Amendoeira e Raquel Tavares.



Diana Krall

Dia 24 de Setembro no Meo Arena

CONCERTO

Com duas décadas de carreira, Diana Krall é um dos maiores ícones vivos do jazz. É a artista do género que mais discos vendeu até hoje. De timbre contralto, canta com uma suavidade aveludada, sobre as notas de um piano que maneja num virtuosismo cristalino. O último trabalho chama-se “Wallflower” e é composto por canções de bandas e artistas que a acompanharam na adolescência como Eagles e Elton John.



Concertos e óperas em setembro

por António Cabral

Da temporada de concertos de 2015/16 sublinhamos os do Prémio Jovens Músicos, na Fundação Gulbenkian, de 30 de Setembro a 2 de Outubro. Sucessivos concertos, com entrada livre, que servirão para avaliar os grandes progressos conseguidos no ensino da música pelas nossas escolas

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

Dia 2 às 21 horas (Grande Auditório)

A Orquestra XXI (formada por músicos portugueses a trabalhar fora do país), com Horácio Ferreira em clarinete e direção de Dinis Sousa, interpretam Francisco de Lacerda, Brahms/Berio e Tchaikovsky (Sinfonia nº 5).

Dia 20 às 19 horas (Praça do Município, entrada livre)

A Orquestra Gulbenkian e o maestro Pedro Neves num programa com a Scheherazade de Rimsky Korsakov e o Bolero de Maurice Ravel.

Dia 23 às 19 horas (Grande Auditório, entrada livre)

Solistas da Orquestra Gulbenkian e do Festival Cantabile interpretam música de câmara de Beethoven (Septeto op. 20), Wolfgang Rihm (Vier Male para clarinete) e F. Schubert (Octeto D 803).

Dia 25 às 17:30 (Convento do Carmo, entrada livre)

A Orquestra Gulbenkian e o maestro Samuel Barsegian num programa com Max Bruch, Luís Tinoco e Beethoven.

Dia 26 às 19 horas (Largo de S. Julião, entrada livre)

Solista da Orquestra Gulbenkian e do Festival Cantabile interpretam música de câmara de António Pinho Vargas, Mozart, Schubert e Schostakovich.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Dia 13 às 17 horas (Grande Auditório)

A Ópera de 1625, “La Liberazione



de Ruggiero”, de Francesca Caccini, contemporânea de Monteverdi, e a primeira compositora de ópera da história da música, interpretada pelos consagrados Huelgas Ensemble, Ensemble Officium e Ludovice Ensemble. A direção é assegurada pelo conhecido maestro Paul van Nevel, fundador do Huelgas Ensemble.

Dia 15 às 21 horas (Grande Auditório)

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, com direção de Pedro Amaral, apresenta “Manfredo” op. 115, de Robert Schumann; “Requies”, de L. Berio, e “Sinfonia nº 3” op. 90, de J. Brahms.

Dia 27 às 17 horas (Grande Auditório)

Orquestra Sinfónica Portuguesa; Dir. Joana Carneiro
O programa será integralmente preenchido com a 7ª Sinfonia, em mi menor, de Gustav Mahler.

TEATRO THALIA

Dia 20 às 21 horas

A Orquestra Metropolitana de Lisboa, o maestro Pedro Amaral e o clarinetista Nuno Silva, interpretam a abertura da ópera “A Flauta Mágica” e o “Concerto para Clarinete e Orquestra”, uma obra-prima de Mozart, e a “Sinfonia nº 3 op. 90” (ela também obra de referência no Séc. XIX), de J. Brahms.

ARTES

Revisitar a obra de António Charrua ou procurar ligações nas obras de quatro gerações de uma família são as sugestões deste mês

Fundação Calouste Gulbenkian

X de Charrua

Até 23 de Outubro

Atraído pela opacidade e pela fulgurância da cor, António Charrua (1925 – 2008) começa a pintar nos anos 50, distanciando-se da escultura. Simultaneamente contemplativa e desafiante, espontânea e preparada, expressionista e arquitetónica, abstrata e referencial, a sua pintura acerca-se do mistério e das circunstâncias históricas com o mesmo empenho emotivo. Nos anos 50 e 60, em Évora, António Charrua centraliza o contacto entre diferentes gerações de artistas e escritores com quem partilha vivências, tertúlias e interesses. Esta exposição corresponde, por um lado, a uma oportunidade de revisitação antológica da obra de Charrua, pela primeira vez em Lisboa, e por outro, a uma documentação desses encontros.



Centro de Arte Manuel de Brito

Laços de família

Até 13 de Setembro

Esta exposição pretende estabelecer um exercício de diálogo e confrontação entre as obras de quatro gerações da mesma família. Nascida em 1926 Menez começou a pintar aos 26 anos, sem nunca ter tido mestres ou frequentado escolas. Aprendeu pintando e nunca dava títulos aos seus quadros. Ruy Leitão nasceu em 1949. Em Londres foi aluno de Patrick Caulfield. Pratica uma pintura urbana com uma grande profusão e multiplicidade de imagens. Nascida em 1971, Joana Leitão Salvador criou o seu universo poético com paisagens fantásticas e um mundo imaginário de rara beleza. Fez cursos de pintura, desenho, ilustração, tapeçaria e cerâmica. Madalena Leitão nasceu em 1991 e fez um curso de animação 2D/3D e outro de animação digital. Nesta exposição vai apresentar duas pinturas digitais.

PORTO

A invicta convida a assistir a uma tragicomédia chinesa, a dançar num imenso salão de baile, na Avenida dos Aliados e a apreciar uma exposição sobre a sociedade portuense do final do séc. XIX

cinema



Turandot

De 24 de Setembro a 11 de Outubro, no Teatro Nacional de São João

Esta “Tragicómica Fábula Chinesa em Cinco Atos”, do veneziano Carlo Gozzi, vem fascinando criadores ao longo dos tempos, de Goethe a Puccini. Numa Pequim de sonho ou fantasia, imperadores, príncipes e princesas convivem com as máscaras da commedia dell’arte. Uma encruzilhada de humores e referências, plena de sofisticação, onde a bela Turandot exige, com uma insolência a que poderíamos chamar de “moderna”: “Fazei com que eu possa ser livre para desdenhar o casamento e os homens, que nos desejam submissas e incapazes”. Encenação: Constança Carvalho Homem

música



Concertos na Avenida

Dia 4 de Setembro, na Avenida dos Aliados

A Casa da Música faz o seu tributo aos loucos anos que antecederam o rock. A Banda Sinfónica Portuguesa transfigura-se numa big band dos anos 30 e a Avenida dos Aliados no maior salão de dança da cidade para que a população se mexa ao ritmo do swing. A crazy dance nascida no Harlem, em Nova Iorque, rapidamente disseminada nos salões de baile de todo o mundo, é recordada pela música de Glenn Miller, Benny Goodman, Count Basie, Duke Ellington, Ella Fitzgerald, entre outros.

artes



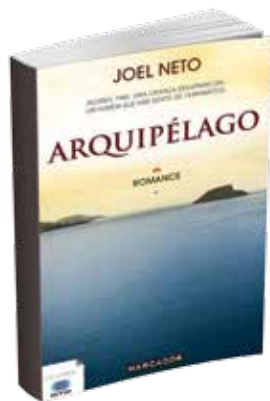
O Portugal de Emílio Biel

Até 21 de Setembro, na Casa do Infante

A Câmara Municipal do Porto assinala os cem anos da morte de Emílio Biel: comerciante e fotógrafo cuja obra marcou a sociedade portuense no final do século XIX e o início do século XX. Fotografias, negativos de vidro, películas e albuminas de Biel, seleccionadas do total de 546 existentes no Arquivo Histórico Municipal, revelam o olhar deste industrial amante da fotografia sobre o país que o acolheu em 1857.

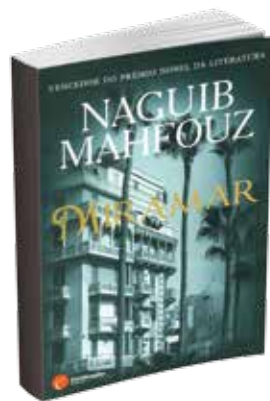
LIVROS

Um Nobel da Literatura, que conta várias histórias em redor de uma pensão, e um escritor açoriano, que usa uma ilha como personagem, compõem a página dos livros desta edição



Joel Neto *Arquipélago*

Açores, 1980. Quando um grande terremoto faz estremecer a ilha Terceira, o pequeno José Artur Drumonde dá-se conta de que não consegue sentir a terra tremer debaixo dos pés. Inexplicável, esse mistério há-de acompanhá-lo durante toda a vida. Já professor universitário, carregando a bagagem de um casamento desfeito e uma carreira em risco, José Artur volta aos Açores. Durante as obras de remodelação da casa do avô, é descoberto um cadáver que o levará em busca dos segredos da família, da história oculta do arquipélago e de uma seita ritualista que os destroços do grande terramoto soterraram... Com uma mestria narrativa e um dom especial para trazer à vida os lugares, as gentes e a História dos Açores, Joel Neto apresenta um romance onde a ilha é também protagonista.



Naguib Mahfouz *Miramar*

Miramar desenrola-se na Alexandria do início dos anos 60. Trata-se de um romance coeso e de grande carga emocional sobre vidas que se cruzam. Seis personagens, todas a certa altura exiladas, por força das circunstâncias, tornam-se residentes da elegante mas ao mesmo tempo decadente Pensão Miramar. A figura central é Zohra, uma bela camponesa cuja relação com as outras cinco personagens simboliza a essência da realidade política e social da época. Nesta obra, Mahfouz descreve a vida desta rapariga através de quatro narradores, cada um deles representando uma corrente de pensamento político diferente. São as mesmas situações vistas e descritas por diversos olhares. Naguib Mahfouz foi galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 1988.

LÁFORA

Os espólios do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona e do Guggenheim, em Nova Iorque, valem sempre a pena (re)visitar.



Museu de Arte Contemporânea de Barcelona

Desejos e necessidades

A partir de 18 de Junho

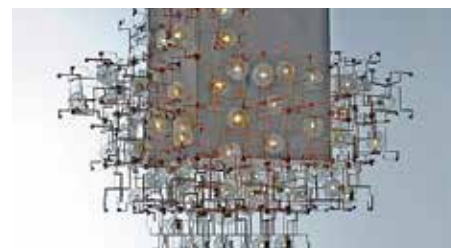
A coleção do Museu de Arte Contemporânea de Barcelona adquiriu mais 86 obras nos últimos três anos. O espólio do museu, que atualmente tem quase seis mil obras, conta agora com mais trabalhos de Esteban Vicente, Esther Ferrer, Nestor Sanmiguel, John Baldessari, Pablo Palazuelo, Joan Brossa, Dieter Roth, Patricia Dauder, Francesc Ruiz, Gego, Antoni Llena, Sigalit Landau, Richard Hamilton, João Maria Gusmão + Pedro Paiva, Allan Sekula e Jorge Ribalta, entre outros. A exposição abrange mais de seis décadas.

Museu Victoria and Albert, Londres

O que é o luxo?

Até 27 de Setembro

O luxo tem uma longa história de controvérsias. Recentemente, o crescimento de marcas de luxo, em contraste com as desigualdades sociais, tem levantado novas questões sobre o seu significado. Nesta mostra, designers e artistas abordam as questões da produção de objetos excepcionais, explorando como as atitudes em relação ao luxo são moldadas por preocupações culturais e sonhos pessoais. É um desafio às noções preconcebidas de valor, que permite pensar sobre o futuro do luxo no século XXI.



Guggenheim, Nova Iorque

Galeria Kandinsky

Até à primavera de 2016

Pioneiro da arte abstrata e um teórico estético, Vasily Kandinsky inovou a pintura durante as primeiras décadas do século XX, desenvolvendo uma arte independente baseada exclusivamente nas “necessidades interiores”. Talvez mais do que qualquer outro pintor do século XX, Kandinsky ficou ligado à história do Museu Guggenheim, que contém atualmente mais de 150 obras deste artista único.



Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA

**ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS COM
O ARO PAULO CUNHA**

**PRÉDIO NA TRAVESSA
DA CONCEIÇÃO**

